

MULHERES DO QUADRO DE SAÚDE PRECURSORAS NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Autores: Aline Franco Schreiber, médica cirurgia geral e
Milene Costa de Menezes Bovolini, médica cardiologista.
alinefschreiber@gmail.com, milenecmenezes@gmail.com

Orientador: Fernanda Vieira Orlandini

Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, RJ.

RESUMO

A presença da mulher no Exército Brasileiro está em gradual crescimento assim como a sua participação em cursos, missões e funções de comando. As mulheres iniciaram a sua trajetória nas fileiras do Exército, devido as suas capacidades no apoio de saúde, durante a Segunda Guerra Mundial e atualmente já estão concorrendo ao generalato. O presente trabalho visa identificar as principais personagens do segmento feminino, como pioneiras em importantes cursos e missões do Exército Brasileiro além de relatar os desdobramentos das primeiras atuações femininas para o contexto atual dessas missões. Este artigo científico constitui-se de um estudo descritivo elaborado através de pesquisa bibliográfica, análise de trabalhos e publicações como monografia e artigos, bem como pesquisa em publicações periódicas e dados das páginas eletrônicas do Exército Brasileiro e do Ministério da Defesa além de entrevistas com algumas das mulheres pioneiras. A participação da mulher no exército começou com a Maria Quitéria, quando a mesma se alistou como soldado. Posteriormente as mulheres foram convocadas para atuarem nas equipes de saúde durante a Segunda Guerra Mundial, sendo dispensadas tão logo o Exército retornou com suas tropas. Depois deste fato, quase 50 anos se passaram quando as mulheres puderam novamente fazer parte das fileiras do exército. Sendo, atualmente, o seu ingresso realizado através das escolas de formação de nível técnico e superior nas mais várias áreas de conhecimento, e muito recentemente na área de combate. Com a ascensão das mulheres na carreira militar, foram necessários mudanças e quebras de paradigmas, para prepara-las para as mais complexas funções de comando e inclusive a concorrência para o generalato. Este contexto de ascensão nas fileiras do exército está extremamente relacionado com o empoderamento da mulher no âmbito da sociedade.

Palavras Chave: Empoderamento. Mulher militar. Mulheres no Exército.

ABSTRACT

The presence of women in the Brazilian Army is gradually increasing, as their participation in courses, missions and command functions. Women began their trajectory in the ranks of the Army, due to their skills in health support, during World War II. The present work aims to identify the main characters of the female segment, as pioneers in important courses and missions of the Brazilian Army, as well as to report the developments of the first female performances for the current context of these missions. This scientific article consists of a descriptive study elaborated through bibliographic research, analysis of works and publications such as monograph and articles, as well as research in periodical publications and data from the websites of the Brazilian Army and the Ministry of Defense. The woman's participation in the army started with Maria Quitéria, when she enlisted as a soldier. Subsequently, women were called on to work in health teams during World War II, being dismissed as soon as the Army returned with its troops. After this fact, almost 50 years passed when women were able to join the ranks of the army again. Currently, its entry is made through training schools of technical and higher level in the most diverse areas of knowledge, and very recently in the area of combat. With the rise of women in the military career, changes and paradigm breaks were necessary to prepare them for the most complex command functions and even competition for the generalate. This context of rise in the ranks of the army is extremely related to the empowerment of women in society.

Keywords: Empowerment. Military woman. Women in the Army.

1. INTRODUÇÃO

A presença da mulher no Exército Brasileiro está em gradual crescimento assim como a sua participação em cursos, missões e funções de comando. As mulheres iniciaram a sua trajetória nas fileiras do Exército, devido as suas capacidades no cuidado de pacientes e apoio de saúde, no ano de 1943, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Sendo que a primeira participação de uma mulher, nas atividades da caserna foi a conhecida Maria Quitéria, que entrou disfarçada de soldado.

O presente trabalho visa identificar as principais personagens do segmento feminino, do Quadro de Saúde, como pioneiras em importantes cursos e missões do Exército Brasileiro.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral deste estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

1. Apontar os principais cursos e funções de destaque no Exército que contam com a presença do segmento feminino;
2. Definir a importância destes cursos e funções para o Exército Brasileiro;
3. Listar as mulheres do Quadro de Saúde pioneiras na atuação destes cursos e funções importantes;
4. Relatar os desdobramentos das primeiras atuações femininas para o contexto atual dessas missões.

2. METODOLOGIA

O presente artigo científico constitui-se de um estudo descritivo elaborado através de pesquisa bibliográfica, análise de trabalhos e publicações como monografia e artigos, bem como pesquisa em publicações periódicas e dados das páginas eletrônicas do Exército Brasileiro e do Ministério da Defesa. Nos critérios de busca, foram utilizadas as seguintes expressões: “mulheres no Exército”, “segmento feminino no Exército”, “mulheres de saúde do Exército”, “empoderamento feminino”. Foram incluídos os artigos relacionados ao conteúdo proposto, sendo excluídos os que se referiam a Marinha e Aeronáutica, tendo em vista os objetivos do trabalho abrangerem o Exército Brasileiro.

Foram também entrevistadas algumas das mulheres pioneiras a fim de engrandecer o artigo científico com as suas experiências pessoais, que poderão ser lidas em anexo.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 INÍCIO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

3.1.1 MARIA QUITÉRIA



**Figura 1. Retrato da Maria Quitéria
(CAMPOS, 2002)**

Em 1823, foi a primeira participação feminina em combate no Exército Brasileiro. Maria Quitéria de Jesus lutou como soldado pela manutenção da Independência do Brasil, sendo considerada a primeira mulher a fazer parte de uma Unidade Militar (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020a). Nascida no interior da Bahia, sem acesso a educação formal, aprendeu a montar, a caçar e a usar armas de fogo. No ano de 1822, o governo procurava voluntários para suas tropas, que pudessem defender o movimento da Independência. Sem autorização de seu pai para a participar da defesa da pátria, vestiu-se de homem e alistou-se como soldado Medeiros, nome de seu cunhado. Algumas semanas depois do seu ingresso nas Força Armadas, Maria Quitéria, teve a sua identidade revelada, mas devido aos seus atributos de disciplina, coragem e o sentimento de dever, além das suas habilidades com armamentos, o Major Silva e Castro, não permitiu que ela saísse da tropa. A fim de afirmar a sua feminilidade, então, passou a utilizar um uniforme de combate feminino, adaptado com um saiote (TEIXEIRA, 2011; CAMPOS, 2020).

Após a derrota das tropas portuguesas, a mulher-soldado foi promovida a cadete e reconhecida como heroína da Independência. Como combatente, destacou-se por sua bravura e lutou em diversas batalhas em Salvador. Foi homenageada por Dom Pedro I com a concessão do título de “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro” (TEIXEIRA, 2011).

Com o fim das guerras, na ocasião de seu desligamento da Força, foi promovida ao posto de Alferes (equivalente hoje a 2º Tenente). Neste momento, o Imperador destinou uma carta a seu pai, solicitando que a perdoasse por sua desobediência, que assim o fez. Posteriormente, casou-se e teve uma filha. Faleceu em situação de anonimato na cidade de Salvador, no dia 21 de agosto de 1853, com estimados 61 anos (TEIXEIRA, 2011).

Maria Quitéria, a heroína da Independência, tornou-se símbolo da emancipação feminina e exemplo para mulheres de todo o país. Em 1953, no centenário do seu nascimento, foi decretado pelo governo brasileiro que seu retrato estivesse presente em todas as repartições e unidades do Exército. E, no ano de 1996, foi condecorada Patrona do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro.

3.1.2 AS ENFERMEIRAS DA FEB



Figura 2. Desfile das Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira (OLIVEIRA, 2009). Duque de Caxias, Rio de Janeiro.

Somente 120 anos depois da participação da Maria Quitéria, em 1943, as mulheres ingressaram oficialmente no Exército Brasileiro. Durante a Segunda Guerra Mundial, a Força Terrestre brasileira observou a necessidade de enviar à Europa um Corpo de Saúde para realizar os atendimentos aos feridos em combate. Assim, foi enviado um grupamento feminino, totalmente voluntário, com 73 enfermeiras para compor a Força Expedicionária Brasileira, pois, no Brasil, esta profissão era composta basicamente por mulheres. Elas serviram em quatro diferentes hospitais de campanha do exército norte-americano (OLIVEIRA, 2009).

Conforme Lessa (2006):

o Brasil necessitava de pessoas que embarcassem para a guerra tendo a finalidade de socorrer seus combatentes. O governo norte-americano, desde a

entrada do Brasil na Guerra, pressionava-o para que formasse um grupo de socorro médico para atender seus próprios compatriotas. Dessa forma, as mulheres brasileiras, estariam incumbidas de cumprir este papel assistencial, já que culturalmente a função de enfermeira era designado às mulheres. Essa função social seria uma extensão dos afazeres maternos, ou seja, o próprio zelo maternal se identificava e muito com a situação de cuidar de outras pessoas. Também a profissão de enfermagem assim como a de professor, eram consideradas femininas, como reflexo da manutenção do sistema, cuja função era cuidar e preservar o seio familiar.

Após a Guerra, assim como o restante da FEB, as enfermeiras, em sua maioria foram condecoradas, ganharam a patente de oficial e licenciadas do serviço ativo militar.

Em 1943, através do Decreto nº 6.097, assinado por Getúlio Vargas, foi criado o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército no Serviço de Saúde. Esse quadro tinha como objetivo a formação de mulheres para atuarem como enfermeiras em situações de guerra (LESSA, 2006).

3.1.2.1 MAJOR ELZA CANSANÇÃO



**Figura 3. Major Elza Cansanção
(VIEIRA, 2001)**

A major Elza foi a primeira enfermeira voluntária da FEB, aos 19 anos de idade, uma das cinco primeiras a desembarcar, em agosto de 1944, na Itália. Sua vontade era combater na guerra, mas como o Brasil não tinha mulheres combatentes teve que se satisfazer em atuar na sua área (RIBEIRO, 2007).

Fez o curso de enfermagem já com a finalidade de ir para a guerra para lutar pela sua gente. Fez parte do grupo de 73 enfermeiras brasileiras enviadas para atuar nos cuidados de feridos da Segunda Guerra, teve que enfrentar junto com as outras enfermeiras o preconceito racial das norte-americanas, teve relações cortadas com seu pai que não aprovava o seu ingresso nas forças armadas. Além de todas as insinuações externas de que teriam ido a Itália para se prostituir (CANSANÇÃO,1987; VIEIRA,2001).

Ao retornar ao Brasil os preconceitos seguiram, perdeu seu posto, pois Getúlio Vargas tinha medo de que a FEB o depusesse, já que havia vencido o totalitarismo e o governo dele era uma ditadura. Só mais tarde recuperou seu posto de militar da reserva e, em 1976, foi promovida a major, por causa do seu acidente de campanha (RIBEIRO, 2007). A major Elza foi a mulher mais condecorada do país, e faleceu em dezembro de 2019, aos 88 anos.

3.2 FORMAS DE INGRESSO DA MULHER NO EXÉRCITO BRASILEIRO

3.2.1 ESCOLA DE FORMAÇÃO COMPLEMENTAR DO EXÉRCITO (EsFCEEx)

Fundada como Escola de Administração do Exército (EsAEx) e localizada em Salvador, a EsAEx foi criada em 1988 e, desde então, tornou-se responsável pela formação dos militares do Quadro Complementar de Oficiais (QCO). Foi transformada em Escola de Formação Complementar do Exército (EsFCEEx) em 2010 e passou a selecionar e formar, além dos oficiais do QCO, oficiais farmacêuticos e dentistas, algo que perdurou até 2018. A Escola é subordinada atualmente à Diretoria de Ensino Superior Militar (DESMil) e ao Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEEx).

O ingresso é realizado anualmente, através de concurso de admissão em âmbito nacional e oferece vagas, tanto para o segmento masculino quanto para o feminino, em diferentes áreas de atuação, como administração, biblioteconomia, direito, informática e outras. A primeira turma que contou com a presença feminina se formou no ano de 1992, após 4 anos do início das atividades da Escola (SILVEIRA,2018).

A formação básica na EsFCEEx tem a finalidade de realizar o ajustamento ao Exército, por parte do oficial aluno, com vistas à capacitação ao desempenho profissional como militar. Ao longo do curso são desenvolvidos atributos da área

afetiva, como liderança, disciplina intelectual e flexibilidade, bem como cultura geral e profissional, características fundamentais para o oficial do QCO, que se desenvolve, ainda, nas áreas cognitiva e psicomotora (REVISTA VERDE-OLIVA, 2011).

A carreira do QCO inicia-se no posto de 1º Tenente e possibilita a progressão até o posto de Coronel. Durante toda a carreira, os oficiais do QCO podem servir em diferentes Organizações Militares (OM) em todo território nacional, como Comandos Militares de Área, Regiões Militares, Departamentos, Diretorias, Escolas de formação, Colégios Militares, entre outras.

No ano de 1996, Maria Quitéria de Jesus, a heroína da Independência, foi reconhecida, nas fileiras do Exército, como Patrono do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020a).

3.2.3 SERVIÇO MILITAR VOLUNTÁRIO PARA MÉDICAS, FARMACÊUTICAS, DENTISTAS E VETERINÁRIAS

No ano de 1996, o Exército Brasileiro instituiu, para o segmento Feminino, o Serviço Militar Voluntário para Médicas, Dentistas, Farmacêuticas, Veterinárias e Enfermeiras de nível superior (MFDV). Na primeira turma, incorporaram 290 mulheres voluntárias para prestarem o serviço militar na área de saúde, nas mais diversas Regiões Militares (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020a).

Esta modalidade de Serviço Militar, oriundo da Lei Nº 5.292, de junho de 1967, era restrito ao sexo masculino até que a Portaria nº 024-DGP, de 9 de julho de 1996, abrangeu este serviço também para as mulheres, em caráter voluntário. Com esta medida, o Exército visou incorporar também as mulheres voluntárias no Corpo de Oficiais da Reserva do Exército (TEIXEIRA, 2011).

3.2.4 INSTITUTO MILITAR DE ENGENHARIA (IME)

A história do Instituto Militar de Engenharia (IME) remonta ao ano de 1792, quando foi fundada, na cidade do Rio de Janeiro, a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, a primeira escola de engenharia das Américas, que tinha o objetivo de formar, para o então Brasil Colônia, os oficiais de Armas e os Engenheiros (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020d).

Em 1942, após mudar de nome e de local algumas vezes, a escola ocupou as instalações atuais na Praia Vermelha, com o nome de Escola Técnica do Exército. E, em 1949 foi criado o Instituto Militar de Tecnologia, com programas de estudo, pesquisa e controle de materiais para a indústria. A fusão destas duas Escolas permitiu o surgimento do atual Instituto Militar de Engenharia (IME)(EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020d).

A partir de 1964, iniciou-se o ingresso de civis, que passavam à condição de oficiais da reserva assim que terminavam o curso de formação. Em 1985, houve uma modificação, que dura até os dias atuais, em que o Instituto forma oficiais engenheiros militares da ativa e da reserva, em um curso de engenharia de 5 anos (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020c).

Apenas em 1997 as mulheres puderam ingressar no Instituto Militar de Engenharia. O acesso se deu em absoluta igualdade de condições com os homens, através do mesmo concurso público, em âmbito nacional, destinado a concluintes do segundo grau completo. Na primeira turma com a presença do segmento feminino, 10 alunas se formaram no Quadro de Engenheiros Militares (QEM) (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020d).

A carreira do Engenheiro Militar inicia-se no posto de 1º Tenente e possibilita a progressão até o posto de General-de-Divisão. Durante toda a carreira, os oficiais do QEM podem servir em diferentes Organizações Militares (OM) em todo território nacional, principalmente na área de Ciência e Tecnologia (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020d).

As atividades de ensino e pesquisa desenvolvidos no IME são estratégicas e vitais para o desenvolvimento nacional. O Instituto possui professores, mestres e doutores de alto nível intelectual e reconhecida reputação acadêmica e é reconhecido mundialmente como um centro de excelência no ensino da Engenharia (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020d).

3.2.5 ESTÁGIO DE SERVIÇO TÉCNICO (EST)

O Estágio de Serviço Técnico (EST) é destinado a profissionais das diversas áreas de nível superior, que não sejam da área da saúde e foi instituído no ano de 1998. Naquela oportunidade, incorporou a primeira turma de 519 mulheres advogadas, administradoras de empresas, contadoras, professoras, analistas de sistemas,

engenheiras, arquitetas, jornalistas, entre outras áreas de ciências humanas e exatas, atendendo às necessidades de Oficial Técnico Temporário (OTT) da Instituição (DEFESANET, 2012).

3.2.6 ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO (EsSEx)

A Escola de Saúde do Exército (EsSEx), fundada em 1910, é um Estabelecimento de Ensino de formação de grau superior, da Linha de Ensino Militar de Saúde. Atualmente, está subordinada diretamente à Diretoria de Ensino Superior Militar (DEsMil) e ao Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx) (REVISTA VERDE-OLIVA, 2011).

Atualmente, o ingresso é realizado todos os anos, através de concurso de admissão em âmbito nacional e oferece vagas, tanto para o segmento masculino quanto para o feminino, para as seguintes formações: médicos, dentistas, farmacêuticos, veterinários e enfermeiros de nível superior. A primeira turma que formou mulheres na Escola de Saúde foi em 1997 (OLIVEIRA, 2009).

A formação na EsSEx tem como missão, além de formar os profissionais das áreas supracitadas para o serviço ativo do Exército, coordenar os cursos de Pós-Graduação dos Oficiais do Serviço de Saúde, QCO de Enfermagem, Veterinário, Psicologia da Saúde, Subtenentes e Sargentos de Saúde (PROCAP-Sau), contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar e realizar pesquisas na área de sua competência (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2017a).

A carreira do Oficial do Serviço de Saúde começa no posto de 1º Tenente e possibilita a progressão até o posto de General-de-Divisão para médicos e de Coronel para as demais especialidades. Ao longo toda a carreira, os oficiais do Serviço de Saúde podem servir em diferentes Organizações Militares (OM) em todo território nacional, como Hospitais Militares, Postos Médicos, Policlínicas, Odontoclínicas, entre outras, fundamentalmente na área da Saúde (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2019).

3.3 CURSOS PARA OFICIAIS DE CARREIRA – OS CAMINHOS PARA O GENERALATO

3.3.1 CURSO DE APERFEIÇOAMENTO (EsAO)

Há mais de cem anos, em 1919, foi fundada a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (EsAO), pela avaliação da necessidade de atualizar a Doutrina Militar Terrestre e fruto da Missão Militar Francesa no Brasil. Desde então, já se formaram mais de 30 mil capitães, sendo conhecida como “a Casa do Capitão” (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2016).

A EsAO é um ambiente propício ao debate, à atualização e à divulgação da Doutrina Militar Terrestre e da capacitação em situação de guerra, por onde passam todos os capitães de carreira do Exército Brasileiro, da linha militar bélica e de saúde (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2016).

A principal missão da Escola é, portanto, atualizar e ampliar os conhecimentos dos oficiais do Exército Brasileiro, fundamentalmente o Capitão aperfeiçoado, vetor de difusão, agente que leva os conhecimentos adquiridos para todo o Brasil (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2016).

O Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais (CAO) tem a finalidade de habilitar os Capitães ao comando e a integrar Estado-Maior de Organizações Militares nível Unidade. As médicas concluintes do curso ficam então habilitadas para o comando de Unidades de Saúde, podendo exercer assim cargos de chefia (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2016).

3.3.2 ESCOLA DE COMANDO E ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO (ECEME)



Figura 4. Integrantes da primeira turma de curso da ECEME com sexo feminino. Foto: Carlo Wrade, O Dia. Fonte: Defesanet.

Em 1905, foi criada propriamente uma escola voltada para o estudo das atividades inerentes a essa categoria, a Escola de Estado-Maior, onde os oficiais

aprendiam sobre estratégia, tática e logística em combate, conhecimentos fundamentais para o preparo e o emprego da Força Terrestre (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2013).

Em 1940, ocorreu a instalação definitiva no atual prédio e, em 1955, a mudança de denominação para Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2013).

A ECEME prepara Oficiais Superiores para o exercício de funções de Estado-Maior, Comando, Chefia, Direção e de Assessoramento aos mais elevados escalões da Força Terrestre. Bem como, forja líderes e chefes militares com a capacidade de pensar o Exército do futuro, que deve contribuir para a construção de uma mentalidade de defesa na sociedade brasileira (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2013).

O ensino da Escola mantém-se sempre em constante evolução, permitindo o aperfeiçoamento da produção e da divulgação de conhecimento na área da Defesa e das Ciências Militares, trâmite fundamental para a formação dos futuros Comandantes (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2013).

Somente no ano de 2011, teve na ECEME a primeira turma que incluía o segmento feminino. Dentre os nomes presentes, destacou-se o da Coronel Carla Claus, classificada em primeiro lugar no curso de Comando e Estado Maior. Em 2013, como consequência da sua formação, foi nomeada para ser a primeira instrutora do segmento feminino do Curso de Altos Estudos Militares da ECEME. Estas militares fazem parte de um seletto grupo de candidatas a se alcançarem o mais alto posto, o generalato. Após formadas na ECEME, se tornam aptas a dirigirem uma unidade da corporação (DEFESANET, 2012).

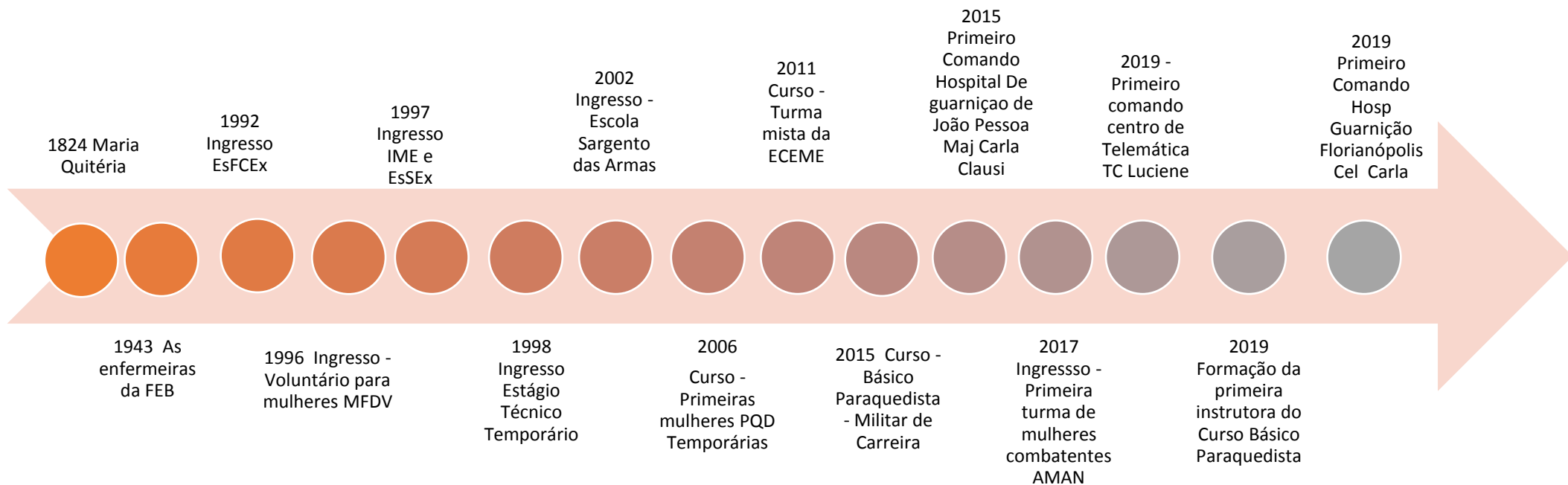


Figura 2 – Linha do tempo da Participação as Mulheres no Exército.

3.4 PRESENÇA FEMININA EM CURSOS E EM FUNÇÕES DE DESTAQUE

3.4.1 CURSO BÁSICO PARAQUEDISTA



Figura 5 - Instrutora do curso básico paraquedista Sargento Cristina Lopes. Fonte: Revista Verde-Oliva, 2017)

Curso de Especialização, com duração de seis semanas, destinado à preparação física, psíquica e técnica para que o aluno seja capaz de abandonar uma aeronave militar em voo.

As primeiras mulheres de saúde a receberem o breve de paraquedistas foram a Tenente Paula Raquel da Silva Bittencourt e Tenente Ivy Costa Rocha dos Santos, ambas oficiais temporárias, que estavam servindo na época na Brigada Pára-quedista e após muito treinamento físico e superação conseguiram, em 2006, concluir o curso com êxito, abrindo espaço para que outras mulheres assim fizesse, como conclamou a Tem Paula Raquel: “Venham acreditando que é possível. Agora será mais fácil, pois nós abrimos o caminho” (REVISTA VERDE-OLIVA, 2017).

Constituído de duas fases: a primeira com duração de três semanas e focada na preparação física dos alunos. Na segunda fase, os alunos desenvolvem duas semanas de intenso preparo técnico, nas quais aprendem os procedimentos necessários para realizar o salto. Na sexta semana, realizam os saltos de qualificação, concluindo o curso.

O Centro de Instrução Pára-Quedista General Penha Brasil, recebeu em janeiro de 2019 a Terceiro-Sargento Cristina Lopes primeira integrante do segmento feminino a compor equipe de gorros azuis. A sargento formará novos e novas paraquedistas e mestre de saltos das forças armadas e militares de nações amigas (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2019).

3.3.2 CURSOS DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO (EsEFEx)



Figura 6 – Monitora do curso de Educação Física. Sgt Jessica. Fonte: Escola de Educação Física do Exército.

A Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx) tem origem em 1919 quando um grupo de jovens oficiais e cadetes da Escola Militar do Realengo instaurou a “União Atlética da Escola Militar” e promoveu, assim, a sistematização da Educação Física no país (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2017b).

Em 1930, foi realizada a transferência da sede para a Fortaleza de São João, onde o CMEF foi reorganizado e iniciou as atividades regulares, com a abertura dos cursos de Instrutor e de Monitor de Educação Física, de Especialização em Medicina e Mestre D’Armas. No ano de 1933 um decreto que transformou atual Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx), com nova organização, atualização dos currículos e ampliação dos seus objetivos. A partir daí, a Escola ganhou status definitivo como formadora de profissionais da Educação Física, estimulando e desenvolvendo a atividade física, o esporte e o lazer no país (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2017b).

A EsEFEx é o estabelecimento de ensino do Exército Brasileiro de graus superior e médio, de especialização, da Linha do Ensino Militar Bélico, vinculada diretamente ao Centro de Capacitação Física do Exército (CCFEx). Destina-se, entre outras coisas, a especializar oficiais em Educação Física e Desportos e em Esgrima; especializar oficiais médicos em Medicina Esportiva; especializar sargentos para o exercício das funções de monitor de Educação Física (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2017b).

A EsEFEx realiza anualmente seus cursos na área de Educação Física, também conhecidos como “calção preto”, por conta do short preto utilizado por aqueles militares que concluíram algum curso com êxito.

No ano de 2019, formou-se a primeira mulher “calção preto”. trata-se da 2º Sargento Jéssica Gonçalves, formada no Curso de Monitor da Escola de Educação Física do Exército, que possui a finalidade de habilitar sargentos do Exército Brasileiro e outras forças, para os cargos de Sargento Auxiliar de Treinamento Físico Militar das Organizações militares e Monitor de Educação Física dos Estabelecimentos de Ensino. Além de produzir uma melhora na qualidade de vida de determinadas parcelas da sociedade (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2020b).

3.5 FUNÇÃO DE COMANDO E DE DESTAQUE DO SEGMENTO FEMININO

3.5.1 HOSPITAL DE GUARNIÇÃO DE JOÃO PESSOA (HGuJP)

Pela primeira vez uma organização militar do Exército Brasileiro foi, em 2015, comandada por uma mulher. O Hospital de Guarnição de João Pessoa (HGuJP) foi comandado pela Major Carla Maria Clausi, médica paranaense (REVISTA VERDE-OLIVA, 2017).

3.5.2 7º CENTRO TELEMÁTICO DE ÁREA

No ano de 2019, o 7º Centro de Telemática de Área (7º CTA), em Brasília, recebeu o Comando da TC Luciene, do Quadro de Engenheiros Militar (QEM), formada no IME, como primeira mulher do Quadro a comandar uma Organização Militar (OM)(REVISTA VERDE-OLIVA, 2017).

3.5.3 HOSPITAL DE GUARNIÇÃO DE FLORIANÓPOLIS (HGuFl)

A direção do Hospital de Guarnição de Florianópolis (HGuFl) recebeu, em 2019, a Coronel Médica Carla Lobo Loureiro, primeira militar do segmento feminino a comandar o hospital (DEFESATV, 2019).

3.5.4 HOSPITAL DE CAMPANHA OSWALDO CRUZ

Em 2015, no Rio de Janeiro, o Exército Brasileiro nomeou a primeira mulher comandante de uma Organização Militar de Saúde Operacional, a Major YAMAR,

formada na EsSEx no ano de 1997, que deu início ao comando do Hospital de Campanha “Hospital Oswaldo Cruz” (EXÉRCITO BRASILEIRO, 2015).

3.5.5 INSTRUTORAS DE ESCOLAS DE FORMAÇÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

No ano de 2019, Ten Dentista Ingrid Moura tornou-se instrutora do Curso de Formação de Oficiais da Escola de Saúde do Exército (CFO/EsSEx).

3.6 DESDOBRAMENTOS

3.6.1 ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS

Mulheres Combatentes

Após diversos anos e exemplos de mulheres militares, não combatentes, com êxito em funções e cursos do exército, em 2017 a família verde-oliva recebeu a primeira turma de alunas a ingressar na Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEx), em Campinas (SP). No ano de 2018, estas cadetes fizeram a sua passagem pelos portões da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) em Resende, onde estão cursando a tão sonhada vida de cadete do Exército Brasileiro. No ano de 2021 essas mulheres sairão da academia como as mais novas aspirantes de Intendência e Material Bélico do Exército Brasileiro.

Vale ressaltar que as alunas prestaram o mesmo concurso (prova intelectual, avaliação de saúde e avaliação física), que anteriormente era destinado somente para homens.

Essas alunas estão realizando os mesmos cursos e as mesmas competências técnico-profissionais, que são inerentes a formação do oficial combatente, sem distinção de sexo. A única diferença entre homens e mulheres são os índices de aprovação no treinamento físico militar, que é distinto conforme o sexo. Essa turma de mulheres inovadoras, serão as primeiras oficiais combatentes do Exército Brasileiro (DEFESANET, 2012).

Conforme a entrevista do Tenente Coronel Jean Lawand Júnior concedida ao endereço eletrônico Defesanet, “Nós não temos um pelotão exclusivo de mulheres. Elas estão inseridas nos pelotões, recebendo a mesma educação militar. A diferença é

unicamente no treinamento físico: elas fazem os mesmos exercícios, porém os índices para aprovação são diferenciados”, explicou o Comandante do Corpo de Alunos da Escola, “Essas moças estão muito focadas, sabem que vão fazer história e querem fazer história. É nítido o foco, a determinação e a vontade delas. Nós estamos muito orgulhosos” (DEFESANET, 2012).

3.6.2 ESCOLA DE SARGENTOS DE LOGÍSTICA (ESLog)

O ano de 2017 foi realmente desbravador nas fileiras do exército, com a entrada também de mulheres no Curso de Formação de Sargentos, em Juiz de Fora, no 4^a Grupo de Artilharia de Campanha Leve, onde realizaram o período básico e foram formadas ao final de 2018 nas áreas mais diversas áreas de atuação (Intendência, Topografia, Manutenção de Armamento, Mecânica de Viatura, Mecânica Operadora e Manutenção de Comunicações) (REVISTA VERDE-OLIVA, 2017).

Assim como aconteceu no Concurso de Admissão/2016 para oficiais, para matrícula em 2017, constatou-se também grande procura por parte das mulheres para Sargento das Armas. Abriram 1000 vagas masculinas e 70 femininas, a relação de candidato/vaga foi de 71 para os homens e 179 para as mulheres (REVISTA VERDE-OLIVA, 2017).

3.4.5 EMPODERAMENTO FEMININO

Empoderar-se significa tomar poder de si, o empoderamento feminino faz menção a mulher ter o controle total de sua vida, ter a plena noção do seu poder perante a sociedade, nas mais diversas esferas: política, econômica e social (SILVEIRA,2018).

Historicamente a mulher foi muito oprimida e discriminada, como profissional, como mulher, era educada para os afazeres domésticos e para estar aquém dos homens. Com o passar dos anos, com muita luta, as mulheres têm conquistado a cada dia o seu espaço, nos mais variados setores. Mas ainda há muito a conquistar, mesmo no século XXI, a mulher ainda luta por igualdade de salários, pela igualdade na disputa pelas lideranças, pela extinção da discriminação do gênero em algumas instituições.

Nas Forças armadas não foi diferente, este enfoque sobre as mulheres começou a mudar na medida em que novos direitos foram emergindo, entre eles, o de a mulher poder escolher uma profissão vinculada às polícias e às próprias Forças Armadas.

4. CONCLUSÃO

O Exército Brasileiro é uma instituição que tem um histórico predominantemente masculino. Com ampliação das formas de ingresso das mulheres nas forças armadas. Este conceito está mudando gradualmente, ainda que de maneira lenta e progressiva.

Com a evolução social a mulher foi ganhando espaço na sociedade e conseqüentemente dentro das forças armadas. Foi através da demonstração de competência das mulheres pioneiras que fez com que a mulher conquistasse, nos dias atuais, postos de oficial superior com grande possibilidade de, em breve, chegar ao generalato.

Além disso, a formação da primeira turma de oficiais combatentes do segmento feminino, que ocorrerá no ano de 2021, corrobora com o empoderamento das mulheres na sociedade e com a ideia de que a posição social da mulher não deve ser avaliada pelo gênero e sim pela capacidade de desenvolver tarefas e cumprir as mais diversas missões, as quais tem sido muito bem desempenhada ao longo dos tempos.

O Brasil e o Exército Brasileiro prorrogaram por muito tempo a inserirem a mulher como profissional militar. Viemos de um passado baseada no patriarcalismo, onde na visão da sociedade o lugar da mulher era dentro de casa cuidando dos filhos e o sustento familiar era feito pelo homem. Mas graças a essas mulheres pioneiras, tivemos aos poucos nosso trabalho reconhecido e a cada dia, novos desafios e conquistas vêm sendo lançados.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, LORRAINE VILELA. **Maria Quitéria**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/maria-quiteria.htm>. Acesso em 08 de julho de 2020.

CANSANÇÃO, ELZA. **E foi assim que a cobra fumou**. 4ª ed. Rio de Janeiro (RJ): Marques-Saraiva; 1987.

DEFESANET. **Mulheres que querem a patente mais alta**. 2012. Disponível em: <https://www.defesanet.com.br/defesa/noticia/6359/Mulheres-que-querem-a-patente-mais-alta/>. Acesso em 08 de julho de 2020

DEFESATV. **Primeira militar do segmento feminino assume direção do Hospital de Guarnição de Florianópolis**. 2019 Disponível em: <https://www.defesa.tv.br/primeira->

militar-do-segmento-feminino-assume-direcao-do-hospital-de-guarnicao-de-florianopolis/. Acesso em 10 de julho de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Nomeada primeira militar do segmento feminino para compor a equipe da formação básica paraquedista.** 2019 Disponível em: https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/nomeada-a-primeira-militar-do-segmento-feminino-a-compor-a-equipe-da-formacao-basica-paraquedista-/835704. Acesso em 08 julho de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **A história da mulher no Exército.** 2020a. Disponível em: <<http://www.exercito.gov.br/web/ingresso/linha-do-tempo>>. Acesso em 20 de maio 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais: A casa do Capitão.** 2016. Disponível em: <http://www.esao.eb.mil.br/>. Acesso em 12 de julho de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Escola de Comando e Estado-Maior do Exército: Escola Marechal Castello Branco.** 2013. Disponível em: <http://www.eceme.eb.mil.br/pt/insti>. Acesso em 12 de julho de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **ESCOLA de educação física do Exército forma a primeira monitora de educação Física do Exército.** 2020b. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/midia-imprensa/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/IZ4bX6gegOtX/content/escola-de-educacao-fisica-do-exercito-forma-a-primeira-monitora-de-educacao-fisica-do-exercito. Acesso em 25 maio de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Escola de Saúde do Exército.** 2017a. Disponível em: <http://www.essex.eb.mil.br/>. Acesso em 12 de julho de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **ESEFEX: Escola de Educação Física do Exército.** 2017b. Disponível em: <http://www.esefex.eb.mil.br/missao>. Acesso em 12 de julho de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Exército nomeia pela primeira vez uma mulher como Comandante de Organização Militar Operacional.** 2015 Disponível em <http://www.cml.eb.mil.br/ultimas-noticias/313-exercito-nomeia-pela-primeira-vez-uma-mulher-como-comandante-de-om-operacional.html>. Acesso em 12 de julho de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **IME: Graduação.** 2020c. Disponível em: <http://www.ime.eb.mil.br/pt/ca/82-portugues/graduacao/graduacao/245-graduacao.html>. Acesso em 10 de julho de 2020.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **IME: História.** 2020d. Disponível em: <http://www.ime.eb.mil.br/pt/historia.html>. Acesso em 10 de julho de 2020.

LESSA, GLAUCON GALEANO; MENDONÇA FILHO, RENÉ FURTADO DE; PASSOS, CARLA CHRISTINA. **A Inserção da Mulher no Quadro de Saúde do Exército Brasileiro no Período da Segunda Guerra Mundial.** Revista Científica da Escola de Administração do Exército – Número 2 – 1º semestre de 2006.

OLIVEIRA, A. B. DE, SANTOS, T. C. F., BARREIRA, I. DE A., LOPES, G. T., ALMEIDA FILHO, A. J. DE, & AMORIM, W. M. DE. 2009. **Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial: repercussões dessa participação.** Texto & Contexto - Enfermagem, 18(4), 688–696.

REVISTA VERDE-OLIVA. **A trajetória da mulher no exército Brasileiro.** Brasília - DF :Ano XLIV - Nº 237: Centro de Comunicação Social do Exército, 2017.

REVISTA VERDE-OLIVA. **Paraquedistas: elas Chegaram lá!** Brasília- DF Ano XXXII:N 187 Centro de Comunicação Social do Exército, 2011.

RIBEIRO, FLÁVIA. Major Elza Cansanção: Exército da Salvação. **Aventuras na História.** Disponível em: ([https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias /acervo/major-elza-cansancao-exercito-salvacao-435085.phtml](https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/major-elza-cansancao-exercito-salvacao-435085.phtml)). Acesso em 08 julho de 2020.

SILVEIRA, NORMA LUIZA MACHADO. **Empoderamento das mulheres militares nas Forças armadas. Perspectivas futuras.** Monografia de conclusão de curso Escola de Saúde do Exército. Rio de Janeiro 2018.

TEIXEIRA, RICARDO VITÓRIA. **O Pioneirismo da Maria Quitéria e a participação da mulher no Exército Brasileiro.** Monografia de conclusão de curso Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2011.

VIEIRA, MÁRCIA. **Elza viu a cobra fumando.** Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2001.

|

ANEXO I – ENTREVISTA COM 3º SGT JÉSSICA.

1. Como a senhora definiria a importância do curso de Educação Física para o Exército Brasileiro.

O Exército Brasileiro é destinado a defender a Pátria e garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem, conforme prescreve a Constituição Federal. Uma capacitação física e mental dos militares é essencial para o cumprimento dessas missões. Dentro do Exército, há um Curso de Educação Física destinado a especializar profissionais com a finalidade de construir de forma eficiente a operacionalidade da Força Terrestre e a manter a saúde dos militares.

Portanto, a importância do curso para o Exército pode ser simplificada em *duas palavras: IMPRESCINDÍVEL E PRIMORDIAL.*

2. Como a senhora relataria a sua experiência no curso, dificuldades e peculiaridades por ser do segmento feminino.

Resumo o curso em uma palavra: ESPETACULAR! A formação do calção preto é bem completa (apesar do pouco tempo destinado aos graduados), delineando o caminho para preparadores físicos, treinamentos de atletas, formação de arbitragem das mais diversas modalidades esportivas, ainda emprega o treinamento para aumentar a operacionalidade da tropa.

Devido ao fato de ter sido a única do segmento feminino em 2016, houve uma resistência inicial por parte dos outros alunos, mas o tempo e as atividades construíram um grupo com muito companheirismo e respeito. Enfim, observa-se que as dificuldades em geral são as mesmas que as do segmento masculino, porém a cobrança e a expectativa do resultado de uma mulher no curso as tornam muito maiores.

Por fim, sinto-me honrada por ter a oportunidade de realizar um sonho ainda de aluna no curso de formação e também, privilegiada por ser a pioneira do curso de monitor a ostentar com orgulho o discóbolo de mirón no peito.

3. Como que a senhora percebe o desdobramento destas atitudes pioneiras no contexto atual do exército?

No contexto atual do Exército Brasileiro, as atitudes pioneiras do segmento feminino balizam uma nova era de quebra de paradigmas. Historicamente, buscou-se uma igualdade no sentido formal, a qual não respeitava o princípio de equidade de gênero. Hoje, as mulheres escrevem uma nova história, aquela que ambos terão as mesmas oportunidades, respeitando as diferenças anatômicas e fisiológicas, e no futuro, a discussão será elevada ao nível dos mais capacitados ou menos e não do gênero.

4. Como a senhora avalia a inclusão das mulheres nos cursos e funções do exército e a relação com a importância desse fato para o reconhecimento da mulher na sociedade.

Como o Exército é a instituição de maior credibilidade para sociedade brasileira, suas ações delineiam a opinião pública. Portanto, o acesso do segmento feminino na caserna e demais oportunidades ofertadas pelo Exército foi o primeiro passo para diminuir a segregação das mulheres na sociedade.

ANEXO II – ENTREVISTA COM SRA PAULA RAQUEL

1. Como a senhora definiria a importância de ter sido da turma de primeiras mulheres a participar do curso Paraquedista.

Quando fui servir na Brigada, ainda não tinham mulheres na tropa. Cheguei com mais duas dentistas e uma médica.

Quando fiz o curso, havia muito preconceito de muitos, e acredito que abrimos muitas portas. Hoje vejo muitas mulheres fazendo parte de funções que só os homens desempenhavam.

2. Como a senhora relataria a sua experiência, dificuldades e peculiaridades para a execução do curso por ser do segmento feminino?

Como não haviam mulheres, havia muito preconceito, e os instrutores ainda não sabiam direito como agir. O curso de pára-quedista é um curso bem pesado e difícil para homens e mulheres. Sofri na época muito desgaste físico e emocional.

O curso exige um esforço físico muito grande e o desgaste mental é intenso também.

3. Como que a senhora percebe o desdobramento destas atitudes pioneiras no contexto atual do exército?

Com a nossa abertura para as mulheres no curso de paraquedistas, vejo que hoje há muitas outras que fazem parte desse segmento, enriquecendo ainda mais a tropa.

4. Como a senhora avalia a inclusão das mulheres nas diversas funções e missões do exército e a relação com a importância desse fato para o reconhecimento da mulher na sociedade.

A inclusão da mulher se tornou imprescindível nos dias de hoje nas diversas funções, não só com nosso pioneirismo, mas como uma tendência mundial. A mulher cada dia mais demonstra estar apta e ser extremamente capaz de exercer muitas funções e missões que até então só eram realizadas por homens. E fazemos com muito êxito.

ANEXO III – ENTREVISTA TENENTE INGRID MOURA

1. Como a senhora definiria a importância para o Exército Brasileiro ter uma mulher comandante de um pelotão de escola de formação.

Tendo em vista a atual realidade da mulher na sociedade e no mercado de trabalho, acho extremamente importante as Forças Armadas acompanharem essa realidade e colocar as mulheres em cargos de comando. Acredito que essa presença feminina no comando cresce ainda mais de importância durante a formação de militares, não só pela representatividade, como também pela influência nos militares em formação: tornando assim a mentalidade e imagem da mulher como comandante (e chefe) ainda mais comum. Além disto, uma Cmt de Pel mulher é um fator a mais de estímulo e incentivo para as mulheres que estão ingressando na carreira militar, uma vez que enxergam o segmento feminino do qual fazem parte não somente no lado dos comandados.

2. Como a senhora relataria a sua experiência, dificuldades e peculiaridades a execução da função do por ser do segmento feminino?

A oportunidade de ser comandante de pelotão e participar ativamente na formação de militares pertencentes a um público tão seletivo foi lisonjeadora e, sem dúvidas, muito marcante não só na minha carreira, como também na minha vida pessoal. No início, havia a insegurança que não podia deixar transparecer, mas que superei por meio de muito estudo de regulamentos e coletando orientações de militares mais experientes, não me faltou apoio por parte do Estabelecimento de Ensino! Sempre fui muito determinada em minha vida e, nessa nobre missão, não seria diferente porque simplesmente não havia a possibilidade de falhar ou pedir para ser substituída. Além disso, não considerei como uma dificuldade, mas sim como um desafio: o fato de não ter tido uma formação voltada para formar outros militares, seja na minha escola militar de formação (Escola de Saúde do Exército), e tampouco, na faculdade. Mas sempre tive em mente que eram apenas obstáculos a serem superados, jamais impossibilidades. Ademais, acho importante para as alunas do segmento feminino ter uma mulher instrutora presente com elas durante a sua formação, no transcorrer de todo o curso. Por fim, quanto ao fato de ser mulher, nunca cheguei a ter nenhum problema seja com autoridade, seja com tratamento diferenciado, ao contrário, sempre houve muito respeito.

3. Como a senhora avalia a inclusão das mulheres nas diversas funções e missões do Exército e a relação com a importância desse fato para o reconhecimento da mulher na sociedade.

Como mencionei anteriormente, acho de extrema valia o Exército acompanhar a sociedade no que tange a inclusão do segmento feminino em posições de comando e direção. Isso porque, trata-se de uma Instituição respeitada pela sociedade, portanto, atua como uma influência bastante positiva nesse reconhecimento profissional das mulheres. Nesse contexto, destaco ainda que própria Organização das Nações Unidas (ONU), que pude perceber pela minha experiência por ter participado de uma Missão de Paz, encara esse tema do empoderamento feminino com muita relevância. Afirmando isto porque, na missão de paz da qual participei, havia sempre uma exigência da presença feminina nas mais diversas atividades, tornando a inclusão e valorização da contribuição feminina inquestionáveis.